



**EM DISCURSO DIRECTO
HORÁCIO BENVINDO DA SILVA**

“Nunca pensei que me chamassem para a Câmara de Caminha. Não queria aceitar. Foram meia dúzia de senhores que me indicaram para o cargo e eu neguei-me.

Na altura, falava-se no comandante da Marinha e argumentei que, se fosse para colaborar com ele, podiam contar comigo, mas apenas isso. Só que o comandante da Marinha não podia assumir o cargo e empurraram-no para mim. Não havia mais ninguém. Acabei por aceitar.”

**EM DISCURSO DIRECTO
JOSÉ JOAQUIM PITA GUERREIRO**

“Embarcámos no comboio, sempre com o tipo da Pide a rondar. Só quando nos vimos na fronteira francesa é que respirámos de alívio, porque mesmo em Espanha havia a colaboração da Pide com a polícia espanhola.”

**EM DISCURSO DIRECTO
VALDEMAR PATRÍCIO**

“Tinha 19 anos e, não sabia na altura, faltava cerca de um ano para a revolução de Abril. No ar já se sentia o cheiro da revolta. Até eu já tinha o bichinho da política. Estava envolvido numa organização clandestina, a Luar.”

**EM DISCURSO DIRECTO
JÚLIA PAULA COSTA**

“A primeira vez que venho a Caminha é nessa qualidade: como alguém que estava a ajudar. E fiquei profundamente apaixonada. Por Caminha e pelo meu marido, que conheci precisamente nessa altura. Depois de casarmos, eu com 21 anos, o grande objectivo era virmos viver definitivamente para Caminha.”



SEMANA DO

PODER LOCAL

PROXIMIDADE
DEMOCRACIA

Este suplemento integra a edição do Jornal O Caminhense nº 1537 de 19 de Abril de 2013. Não pode ser vendido separadamente.





27 ABRIL
2013

**AMIGOS
MAIORES
QUE O
PENSAMENTO**

Tributo a Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira

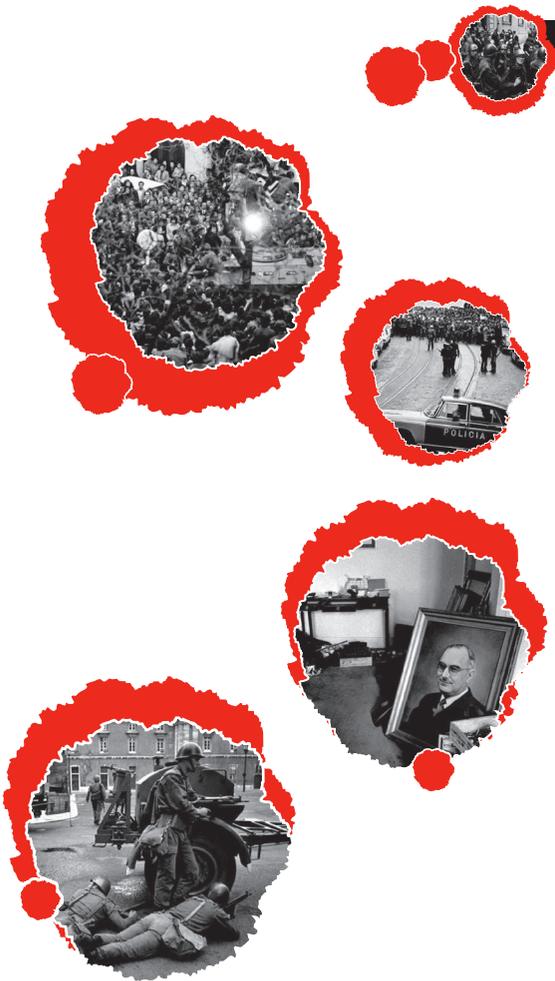
Concerto de Música

Pavilhão Municipal de Caminha

Com "Canto D'Aqui"; "Sopros do Zeca";
Orfeão de Vila Praia de Âncora
e Coro da Associação de Pais do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian

Bilhetes à venda
nos Postos de Turismo de Caminha e de Vila Praia de Âncora

entrada **3€**
a favor dos Bombeiros Voluntários do concelho



Índice:

3 PROGRAMA Semana do Poder Local

4 e 5 AUTARCAS Homenagem aos presidentes de Junta, de Câmara e Assembleia Municipal eleitos desde 1976

6 e 7 EM DISCURSO
DIRECTO Horácio Benvindo da Silva

8 e 9 EM DISCURSO DIRECTO Pita Guerreiro

10 e 11 EM DISCURSO
DIRECTO Valdemar Patrício

12 e 13 EM DISCURSO DIRECTO Júlia Paula

14 O Municipalismo e a Democracia Portuguesa

15 O 25 de Abril na imprensa local

Semana do Poder Local

22 a 24 Abril

O poder local em Caminha - ciclo de conferências

Dia 22
10h30

“O poder local em Caminha (1974-2013)”
Mesa redonda com a participação dos presidentes da Câmara Municipal de Caminha
- Horácio Benvindo da Silva
(Comissão Administrativa 1974-1976)
- José Joaquim Pita Guerreiro (1976-1993)
- Valdemar Augusto Pais Patrício (1993-2001)
- Júlia Paula Pires Pereira da Costa (2001-2013)
Local: Edifício Paços do Concelho de Caminha

Dia 23
22h00

“Elites locais e poder municipal em Caminha. Do liberalismo à República”
Conferência com Paulo Torres Bento
Local: Auditório do Museu Municipal de Caminha

Dia 24
22h00

“As origens das autarquias- municípios e freguesias”
Conferência com António Matos Reis
Local: Auditório do Museu Municipal de Caminha

Dia 25

Cerimónias oficiais de comemoração do 39º aniversário do 25 Abril de 1974

10h00- Cerimónia do hastear da Bandeira Nacional
Local: Praça da República, Vila Praia de Âncora
Organização: Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora
Apoio: Câmara Municipal de Caminha

11h00- Cerimónia do hastear da Bandeira Nacional
Local: Praça Conselheiro Silva Torres, Caminha
Organização: Câmara Municipal de Caminha

11h30- Homenagem ao Poder Local de Caminha
Local: Edifício Paços do Concelho

Dia 26
21h00

Cinema: “A Noite da Revolução”, de Ginette Lavigne, com a participação do Coronel Otelto Saraiva de Carvalho
Local: Auditório do Museu Municipal de Caminha
Organização: Locus Cinema

Dia 27
21h00

“Amigos Maiores que o Pensamento”
Concerto de música - Homenagem a Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira
Direcção Musical: Filipe Cunha
Participação dos grupos: Canto D’Aqui, Sopros de Zeca, Orfeão de Vila Praia de Âncora, Coro da Associação de Pais do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian
Local: Pavilhão Desportivo Municipal de Caminha
Organização: Câmara Municipal de Caminha
Preço Bilhete: 3 €

Receita a favor das Associações Humanitárias dos Bombeiros Voluntários de Caminha e Vila Praia de Âncora

O futuro depende de nós!

Promovemos em Caminha a Semana do Poder Local. Este foi um desafio do Conselho da Europa, do qual faço parte como representante dos municípios portugueses. Acatamos o repto com avidez por acreditarmos na necessidade de debater a democracia.

Quisemos ainda associar a Semana do Poder Local às comemorações do 25 de Abril.

Assim, no ano em que termino funções como Presidente de Câmara, não podia deixar de elogiar todos os que me antecederam no

exercício da democracia. Considero importante lembrar e reconhecer o valor de quem representou a população antes de mim.

Costumo dizer que liderar o destino de uma autarquia se assemelha à maternidade. Todos que

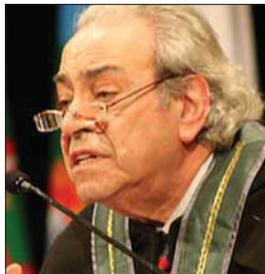
remos educar da melhor forma, mas nem sempre fazemos as melhores opções. Tanto eu como os meus antecessores tomamos boas decisões e outras menos boas, é preciso ainda assim, com humildade, reconhecer e homenagear o trabalho desenvolvido por todos.



JULIA PAULA COSTA



ABÍLIO SILVA



FRANCISCO SAMPAIO



ANTÓNIO BERNARDO



CARLOS ALVES

FREGUESIAS DO CONCELHO DE CAMINHA

Junta de Freguesia de Âncora

1976 a 2009 – Humberto Vasco Presa Gomes
Desde 2009 – António Manuel Moreira Brás

Junta de Freguesia de Arga de Baixo

1976 a 1979 - Eduardo Joaquim Pires
1979 a 1982 - Secundino Ulisses Gonçalves Costa
1982 a 1989 - Horácio Sidónio G. Campo do Val
1989 a 1997 - António Gonçalves Vila Verde
Desde 1997 - Ventura Rodrigues Cunha

Junta de Freguesia de Arga de Cima

1976 a 1985 - João Baptista Gonçalves
1985 a 1989 - Artur Gonçalves
1989 a 2001 - António Pereira Gomes
Desde 2001 - António Diamantino Alves Gomes

Junta de Freguesia de Arga de São João

1976 a 1979 - Álvaro da Fonseca Pinto
Desde 1979 - Marinho da Cruz Afonso Gonçalves

Junta de Freguesia de Argela

1976 a 1979 - José Gonçalves Braz
1979 a 1982 - Manuel António Rodrigues
1982 a 1985 - Lúcio da Conceição Velho
1985 a 1993 - Júlio Dinis Lourenço Pinto
1993 a 2001 - Maria Dulce S. Pinto Fernandes
Desde 2001 - José Carlos Fernandes Silva

Junta de Freguesia de Azevedo

1976 a 1979 - Damião José Afonso
1979 a 1982 - Ezequiel Domingos Alves
1982 a 1989 - José António Afonso
1989 a 1993 - César Rodrigues Matos Reis
1993 a 2001 - Vítor António Rodrigues Paço
2001 a 2005 - José Luís Lima
2005 a 2009 - Américo Jesus Fernandes Canas
Desde 2009 - Júlio Domingos Gonçalves Afonso

Junta de Freguesia de Caminha-Matriz

1976 a 1979 - António Alberto Mendonça
1979 a 1982 - Domingos José Cerejeira
1982 a 1985 - José Alves Covinha
1985 a 1989 - Daniel de Matos Carneiro
1989 a 2001 - Fernando José Alves da Silva Lima
2001 a 2005 - Carlos Alberto Mouteira Fernandes
Desde 2005 - Eduardo Manuel Amorim Gonçalves

Junta de Freguesia de Cristelo

1976 a 1979 - Carlos Tomás de Carvalho
1979 a 1982 - Maximino de Jesus Sobreiro
1982 a 2005 - Paulino Jesus Azevedo Carvalho
Substitui após falecimento - José António Martins Antunes
Desde 2005 - Ernesto João Neto Casal Veiga

Junta de Freguesia de Dem

1976 a 2001 - Albertino Antunes Lopes
Desde 2001 - Clemente Gonçalves Pires

Junta de Freguesia de Gondar

1976 a 1982 - Manuel Batista da Cunha
1982 a 1985 - Rafael Luis Esteves Gonçalves
1985 a 1989 - Rafael de Jesus Cunha Viana
1989 a 2009 - Armando Joaquim Pires
Desde 2009 - José Manuel Franco Cunha

Junta de Freguesia de Lanhelas

1976 a 1979 - Hipólito Carro Anhas
1979 a 1982 - Excelso Correia Lages
1982 a 1989 - José Casimiro Alvarenga Lages
1989 a 1997 - José António Cancela Covêlo
1997 a 2001 - Joaquim Alves Rodrigues
Desde 2001 - Rui António Oliveira Fernandes

Junta de Freguesia de Moledo

1976 a 1979 - Fausto Elias Correia
1979 a 1985 - César José Alves de Oliveira
1985 a 1989 - Benvindo José Casal da Veiga
1989 a 1997 - Benigno João Casal da Veiga
1997 a 2005 - Manuel Monteiro Gordão

Nesta semana, vamos lembrar todos os que trabalharam em prol da população através da Câmara Municipal, da Assembleia Municipal ou das Juntas de Freguesia.

Permitam-me, aliás, que realce o trabalho dos presidentes de junta porque eles são, talvez, o maior legado do 25 de Abril. Antes de Abril, as ruas não estavam pavimentadas, não havia canalização, os problemas das populações não eram solucionados. Os presidentes de junta são os rostos mais visíveis da democracia e são quem resolve

os problemas do dia-a-dia, aqueles que parecem menores, mas que influenciam a vivência dos municípios.

Acredito que é em contextos de maiores dificuldades que o papel do poder local se torna mais importante, porque é quando a população mais precisa de uma pessoa que os represente, que lhes conheça o valor e que conheça os seus problemas.

O poder local tem a grandeza da proximidade.

Nesta Semana do Poder Local quero também salientar que a democracia tem de ser mostrada aos jovens como um desafio importante. A democracia foi conquistada a 25 de Abril de 1974, mas precisa de ser cimentada a cada dia que passa e está nas mãos dos jovens dar-lhe continuidade.

Não interessa o quadrante político, importa a participação ativa e o envolvimento porque é assim que se luta pelos valores da democracia.

Na minha experiência como autarca, lutei sempre pelo melhor

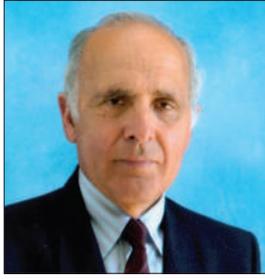
exercício possível. Acredito que dotei o concelho de melhores infraestruturas e de melhores condições de vida. Mas sei que hoje o paradigma é outro.

Precisamos de dar resposta aos anseios da população com políticas de sustentabilidade. O futuro depende de nós.

Júlia Paula Costa
Presidente da Câmara Municipal de Caminha



VALDEMAR PATRÍCIO



PITA GUERREIRO



HORÁCIO DA SILVA



ANTÓNIO OLIVEIRA



DAMIÃO CUNHA

Desde 2005 - Joaquim José Fernandes Seixo

Junta de Freguesia de Orbacém

1976 a 1979 - Abílio Gonçalves Aldeia
1979 a 1982 - Dionísio António Afonso Azevedo
Substituí por desistência do eleito - João Luís Domingues
1982 a 1997 - Manuel Pires Mesquita
Desde 1997 - Amadeu António Gonçalves Brito

Junta de Freguesia de Riba de Âncora

1976 a 1979 - Domingos António Alves Velho
1979 a 1982 - José Francisco Domingues de Oliveira
Substituí por desistência do eleito - Sidónio José Martins
1982 a 1993 - Domingos António Alves Velho
1993 a 2001 - Flamiano Gonçalves Martins
Desde 2001 - Luciano Maria Reis Lima Santos

Junta de Freguesia de Seixas

1976 a 1979 - Gonçalo Joaquim Martins
1979 a 1985 - António Gonçalves de Catarina
1985 a 1989 - Gonçalo Joaquim Martins
1989 a 2001 - António Gonçalves de Catarina
Desde 2001 - Aurélio José Moreno Henriques Pereira

Junta de Freguesia de Venade

1976 a 1979 - António Augusto Lourenço da Chão
1979 a 1985 - João José Lourenço do Paço
1985 a 1989 - António José Rio Tinto
1989 a 1997 - Jorge Rodrigues das Valas
1997 a 2005 - Diamantino Lourenço Rodrigues Bártolo
Desde 2005 - António Almeida Pinto Reis

Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora

1976 a 1993 - Domingos Luís Verde
1993 a 1997 - Orlando Jaime Presa Ribeiro
Desde 1997 - Manuel Sousa Marques

Junta de Freguesia de Vilar de Mouros

1976 a 1979 - Manuel Pereira Renda
1979 a 1989 - Armando Sousa Ranhada
1989 a 2009 - Carlos Alberto da Cunha Alves

Desde 2009 - Sónia Sofia Silvano Fernandes

Junta de Freguesia de Vilarelho

1976 a 1982 - Joaquim Ribeiro da Silva
1982 a 1985 - Alcides Rodrigues de Amorim
1985 a 1993 - Daniel Augusto Rodrigues
1993 a 2009 - Serafim Silva Cubal
Desde 2009 - Luís Filipe Gonçalves Guerra

Junta de Freguesia de Vile

1976 a 1979 - Alberto Fontinha Alves Maciel
1979 a 1985 - Hermes Gonçalves Codeço
1985 a 1989 - Manuel José Cardoso Franco
1989 a 1993 - José Manuel Diogo de Azevedo Presa
1993 a 2001 - Humberto José Pereira Domingues
Desde 2001 - Plácido Martins Coelho

PRESIDENTES DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPLA DE CAMINHA

1977 a 1983 - Damião José Gaspar Lourenço da Cunha
1983 a 1986 - António Jorge Veiga de Oliveira
1986 a 1990 - Damião José Gaspar Lourenço da Cunha
1990 a 2002 - António Manuel Marques Bernardo
2002 a 2005 - Carlos Alberto da Cunha Alves
2005 a 2009 - Abílio Sousa Silva
Desde 2009 - Francisco José Torres Sampaio

Nota: data de Instalação da Assembleia

PRESIDENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMINHA

Presidente da Comissão Administrativa entre
1974 e 1976 - Horácio Benvindo da Silva
1976 a 1993 - José Joaquim Pita Guerreiro
1993 a 2001 - Valdemar Augusto Pais Patrício
Desde 2001 - Júlia Paula Pereira Costa

Nota: Data de Eleição

Todos são unânimes na afirmação de que o poder local foi essencial na consolidação da democracia portuguesa. Mas, não foram fáceis os primeiros anos de governação democrática. Nas próximas páginas desta revista sobre a Semana do Poder Local, ficamos a conhecer o percurso dos quatro autarcas responsáveis pela liderança da Câmara de Caminha nos últimos 39 anos. Nos anos da liberdade. O início foi turbulento, com um homicídio planeado contra o então presidente da Comissão Administrativa da autarquia. Seguiram-se anos em que as ruas do concelho eram limpas com vassouras feitas com ramos de giesta. Não havia dinheiro para nada. Com a entrada na União Europeia, o desenvolvimento económico acelerou, o que facilitou, e muito, a governação dos autarcas e a afirmação do sistema democrático.

Horácio da Silva; Pita Guerreiro, Valdemar Patrício e Júlia Paula em discurso directo.

Horácio Benvindo da Silva



6

“Havia um plano para me assassinar”

Horácio Benvindo da Silva foi o primeiro a liderar os destinos do concelho de Caminha após a revolução de Abril. Enfrentou a turbulência social da época, que incluiu ameaças de morte; a inexistência de dinheiro para fazer obras; a ausência das infra-estruturas básicas para satisfazer as necessidades da população. Não desistiu e preparou o terreno para as primeiras eleições autárquicas realizadas em democracia, que perdeu. A história é contada na primeira pessoa.

Estive para ser abatido. Havia um plano para me assassinar, pouco tempo depois de ter entrado na Câmara.

O 25 de Abril apanhou-me em Moledo, quando decidi abandonar definitivamente a prática da arquitectura em Lisboa. Tinha uns 39

anos quando vim para cima, para descansar e para construir um edifício que teimavam em não deixar construir.

A revolução foi uma surpresa. Isto estava um regime tão agarrado que era quase impossível pensar-se numa coisa destas. Quando me tele-

fonaram de Lisboa eu nem acreditei. Foi uma alegria muito grande.

Os anos anteriores passei-os dedicando-me à arquitectura. O meu pai, construtor civil, queria ter um filho arquitecto e conseguiu-o. Foi um trajecto em que trabalhei muito. Trabalhei nos monumentos

ao Infante Dom Henrique com os grandes arquitectos Rebelo de Andrade, Cassiano Branco. Eu também podia ter sido um tubarão, se quisesse. Tive um império na mão e não o quis. Olhei para a pessoa que me o queria entregar, o arquitecto Aguiar, e vi-o com os

pés inchados sentado num cadeirão. Perguntei-lhe se queria que tivesse uma vida como a dele. Eu gostava de ir pescar, de ir caçar e ele passava os dias e as noites no atelier. Não aceitei a proposta, que era todo o Ultramar na minha mão. Um império.

Vim para cima.

Nunca pensei que me chamassem para a Câmara de Caminha. Não queria aceitar. Foram meia dúzia de senhores que me indicaram para o cargo e eu neguei-me. Na altura, falava-se no comandante da Marinha e argumentei que, se fosse para colaborar com ele, podiam contar comigo, mas apenas isso. Só que o comandante da Marinha não podia assumir o cargo e empurraram-no para mim. Não havia mais ninguém. Acabei por aceitar. Era presidente da Comissão Administrativa que comandava a Câmara de Caminha.

Foi uma surpresa para toda a gente. Eu era do PSD, fui um dos fundadores do partido no concelho.

Pouco depois de ter assumido a liderança da autarquia, foi-me comunicado que havia um plano para me assassinar. Não sei de que cor partidária eram, sei que eles perceberam que não era aquilo que eles pretendiam que fosse. “- Cuidado, vão abater-te. Não dar cabo de ti. E quem o vai fazer é fulano”. Fulano era meu vizinho, em Moledo, e tinha arrendada a garagem de uma das minhas casas, onde tinha instalada uma mercearia.

Naquela altura havia operações de auto-stop durante a noite na estrada do Camarido, controladas pela GNR e por um grupo de pessoas. Eu passava por lá regularmente e temi que fosse aquele o local escolhido para o homicídio. Decidi prevenir-me. Mandei afiar a ponta de uma chave-de-fendas das grandes e coloquei-a ao lado da manete das mudanças do carro. Se me tentassem matar durante a fiscalização, estava armado para me defender. Felizmente não aconteceu nada disso. Mas, quando cheguei a Moledo tinha uma manifestação à porta de casa. Tinham acendido uma fogueira na rua e gritavam “morte ao Carneiro”. Eram mais de 20. Eu era caçador e, assim que entrei em casa, coloquei-me por dentro da janela com uma arma. Se me incendiassem o carro e a casa, teria de atirar. Nada disso aconteceu. A fogueira apagou-se e eles foram embora. Mais tarde fui ameaçado com a invasão de um dos meus edifícios. Avisei-os que poderiam até entrar, mas não sairiam de lá vivos. Desistiram. A partir daquele momento percebi



“Nunca pensei que me chamassem para a Câmara de Caminha. Não queria aceitar. Foram meia dúzia de senhores que me indicaram para o cargo e eu neguei-me. Na altura, falava-se no comandante da Marinha e argumentei que, se fosse para colaborar com ele, podiam contar comigo, mas apenas isso. Só que o comandante da Marinha não podia assumir o cargo e empurraram-no para mim. Não havia mais ninguém. Acabei por aceitar.”

que não havia mais perigo. Eram uns covardes!

Os primeiros momentos na Câmara serviram para conhecer a população, conhecer os problemas do concelho. E eram tantos. Faltava tudo! Mas a Câmara não tinha dinheiro. As ruas eram limpas com vassouras feitas com ramos de giesta. Fizemos um acordo com a população: a Câmara dava o material e eles a mão-de-obra.

Estive na Câmara, enquanto líder da comissão administrativa, durante quase dois anos. Candidatei-me às primeiras eleições autárquicas democráticas, mas perdi a autarquia para Pita Guerreiro. Tive pena de não ter conseguido, por exemplo, transformar as zonas de juncal dos rios Coura e Âncora em pastagens para a criação de gado.

Susana Ramos Martins

1. Qual foi a importância do poder autárquico na consolidação da democracia em Portugal?

Eu acho que teve uma importância significativa, porque ali é que se debateram os problemas todos. Estava mais próximo da população. E ali se resolveu tudo. Foi uma grande vitória.

2. As autarquias deveriam ter mais poder?

Eu acho que o poder que tinham chegava e chega, desde que seja bem aproveitado.

3. 39 anos após o 25 Abril, a democracia está em risco?

Não. Está solidamente construída.

4. Dentro de 11 anos, celebram-se os 50 anos da revolução de Abril. Como pensa que estará o país nessa altura?

Se quer que lhe diga a verdade, não sei bem como é que vai ser. Melhor não vai estar. Isto chegou ao ponto zero. E passar do ponto zero para baixo é negativo. Para subir vai ser muito complicado. Mas não podemos perder a esperança.

B. I.

Nome: Horácio Benvindo da Silva
Idade: 84 anos
Profissão: arquitecto
Estado Civil: Casado
Descendência: 3 filhas
Naturalidade: Moledo
Presidente da Comissão Administrativa entre 1974 e 1976

“Desconfiei do 25 de Abril quando percebi que era liderado pelo Spínola”

Depois de ter vivido a guerra do Ultramar, decidiu exilar-se num país onde a democracia há muito que estava consolidada. José Joaquim Pita Guerreiro, o homem que durante mais tempo esteve à frente dos destinos do concelho de Caminha, só regressou a Portugal após a revolução do 25 de Abril. Concorreu às primeiras eleições autárquicas democráticas e ganhou. Foi reeleito consecutivamente durante 17 anos. Do Canadá trouxe a certeza de que a democracia exige muito diálogo, consensos e uma governação próxima dos munícipes.

O protagonista em discurso directo.

Metemo-nos no comboio com a nossa filha mais velha. De vez em quando, vinha o tipo da Pide e nós fingíamos não olhar, mas eu dizia à minha mulher: “- Este tipo vai-nos tramar”.

Fiz duas comissões no Ultramar: de 61 a 63 e de 65 a 67. Quando regresssei, disse à mulher que nos íamos embora de Portugal. “- Salazar não muda e nós não vamos ficar à espera que ele morra”. Tinha 28 anos e era oficial do exército. Quando regresssei do Ultramar, voltei à academia militar e pedi um mês de férias para França e para Itália. Julguei que não conseguisse, mas eu tinha um currículo impecável e o comandante da academia deu-me 30 dias.

Na altura já tinha dois filhos, a rapariga ainda não tinha dois anos e o rapaz tinha um. A minha mulher era filha única e era um drama para ela. Com dois bebés, percebemos que a Pide não nos ia deixar passar a fronteira. Decidimos, por isso, levar a rapariga connosco e deixar o rapaz com os meus sogros. Só comuniquéi ao meu sogro a nossa decisão quando partimos. Nem a minha sogra sabia.

Embarcámos no comboio, sempre com o tipo da Pide a rondar. Só quando nos vimos na



José Joaquim
Pita Guerreiro

fronteira francesa é que respirámos de alívio, porque mesmo em Espanha havia a colaboração da Pide com a polícia espanhola.

Não chegámos a ir a Itália. Es-tivemos uma semana em Paris. Era Setembro, estava um tempo óptimo. Mas o nosso destino final não era França. Eu tinha vontade de ir para o Canadá. Fomos, por isso, à embaixada canadiana pedir o visto, dizendo que iam visitar uns primos que tínhamos por lá. Tínhamos os nomes, morada, número de telefone, tudo direitinho, e lá nos deixaram ir.

Estávamos no exílio há sete anos quando vimos na televisão que tinha ocorrido a revolução de Abril, em Portugal. Mas eu desconfiei do golpe, quando percebi que era liderado pelo Spínola. Eu conhecia-o e sabia que era do tipo alemão, autoritário, que tratava os oficiais como cães. “- Este tipo, que tem uma formação e uma cultura hitleriana, à frente do conselho de revolução? Isto não me cheira. Como é que estes gajos entregaram isto ao Spínola?”. Não acreditei que aquilo fosse uma revolução consolidada, mas dei-lhe o benefício da dúvida.

Estivemos, eu e a minha mulher, em discussão durante uns 15 dias para decidir se havíamos de regressar ou não a Portugal. Telefonávamos para cá e ficávamos a saber que estava tudo em reboição, mas eu esperei muitos anos para que isto acontecesse e por isso achei que devíamos vir. A minha mulher chorava, porque não queria voltar. Já tínhamos a nossa vida organizada no Canadá.

Vimos em Maio. Apresentei-me no Estado Maior e mandaram-me para a academia militar, mas não me davam tarefas. Fiquei desapontado com a revolução, com a

desorganização. Era uma balbúrdia. Decidi, por isso, regressar ao Canadá, onde estava a tirar um curso de programação e onde tinha de vender a casa que, entretanto, havíamos comprado.

Regressei novamente a Portugal, passei à reserva e fui dar aulas. Até que vieram as primeiras eleições.

Eu não estava filiado em nenhum partido, mas havia na antiga sede do PS, em Caminha, debates semanais, nos quais participava. Decidi filiar-me, e quando chegaram as eleições disseram-me que seria eu o candidato. Aceitei o desafio.

Tendo vivido sete anos numa democracia consolidadíssima, percebi que era preciso mobilizar as pessoas para participarem no acto eleitoral, e isso era responsabilidade nossa. A campanha era feita com o meu carro, que também usei quando fui eleito presidente da Câmara. Era no meu carro pessoal que me deslocava.

As carências do município era enormes. Não havia nada. Era raro o dia em que o salão nobre da Câmara estivesse vazio, as pessoas vinham transmitir as suas necessidades. Fizemos muito trabalho com a colaboração dos municípios, com o dinheiro deles.

Durante os 17 anos em que estive na autarquia, olhei para o território e para as pessoas e percebi que, mesmo sem dinheiro, era importante tudo fazer para melhorar a qualidade de vida. Apostámos nas infra-estruturas básicas: o abastecimento de água; os esgotos; as acessibilidades; os equipamentos escolares e culturais. Atrair indústrias para o concelho foi também a nossa estratégia.

Susana Ramos Martins

“Embarcámos no comboio, sempre com o tipo da Pide a rondar. Só quando nos vimos na fronteira francesa é que respirámos de alívio, porque mesmo em Espanha havia a colaboração da Pide com a polícia espanhola.”

1. Qual foi a importância do poder autárquico na consolidação da democracia portuguesa?

O poder local, apesar dos seus defeitos e dos erros cometidos conseguiu satisfazer muitas das necessidades básicas da população. Esbanjando dinheiro. Quando houve em abundância, foi esbanjado muito dinheiro. Mas, os autarcas mudaram radicalmente o território e qualificaram-no. Contudo, não conseguiram, na minha opinião, fazer aquele trabalho de base: pedagogia democrática. Isso faz-se com valores, com grau de exigência de todos os protagonistas. O exemplo tem de vir de cima. Aí creio que o poder local falhou.

2. As autarquias deveriam ter mais poder?

As autarquias têm autonomia. Eu acho que não é falta de poder.

Faltam recursos?

Os recursos são sempre escassos, nós somos um país pobre. Agora, o bolo poderia ser melhor distribuído pelo poder local em relação ao poder central? Talvez. Porque nós estando perto, conhecendo bem os problemas, se formos rigorosos, se formos exigentes podemos fazer as coisas de forma a que sirvam melhor as populações.

O poder local foi conseguindo, ao longo dos anos, modificar a sucessiva legislação a seu favor. O poder local, inicialmente, não tinha quase poder nenhum, mas a legislação veio reforçar sucessivamente os seus poderes.

Eu acho que é necessário um órgão escrutinador do poder no exercício das Câmaras. Para que o dinheiro seja bem aplicado, deve ser escrutinado. Um órgão fiscalizador com meios e com poderes para o fazer. As actuais Assembleias Municipais não têm essa capacidade.

3. 39 anos após o 25 de Abril de 74, a democracia está em risco?

A democracia é o melhor sistema, mas é um sistema frágil, portanto, está sempre em risco se não houver uma consciência democrática dos cidadãos, das populações e dos líderes. Quando há uma participação activa da sociedade civil, quando não temos uma sociedade civil amorfa, a democracia não está em perigo. Há uma vivência plena da democracia. E quando temos líderes com uma vivência e uma cultura democrática.

Em Portugal, a sociedade civil está amorfa?

Grande parte está amorfa.

Está, por isso, em risco a democracia?

Está frágil, eu não quero dizer que está em risco, mas está muito frágil.

4. Dentro de 11 anos celebram-se os 50 anos da revolução de Abril, como pensa que estará o país nessa altura?

É difícil fazer uma antevisão. Depende da forma como evoluir a Europa. Se a comunidade europeia reforçar as suas instituições, creio que estará melhor. Se isso não acontecer, pode ser que esteja muito pior.

B. I.

Nome: José Joaquim Pita Guerreiro

Idade: 74 anos

Estado Civil: Casado

Descendência: 3 filhos

Naturalidade: Seixas

Profissão: militar; professor

Presidente da Câmara de Caminha entre 1976 e 1993

“Senti muita alegria e uma enorme responsabilidade: era presidente da Câmara de Caminha”

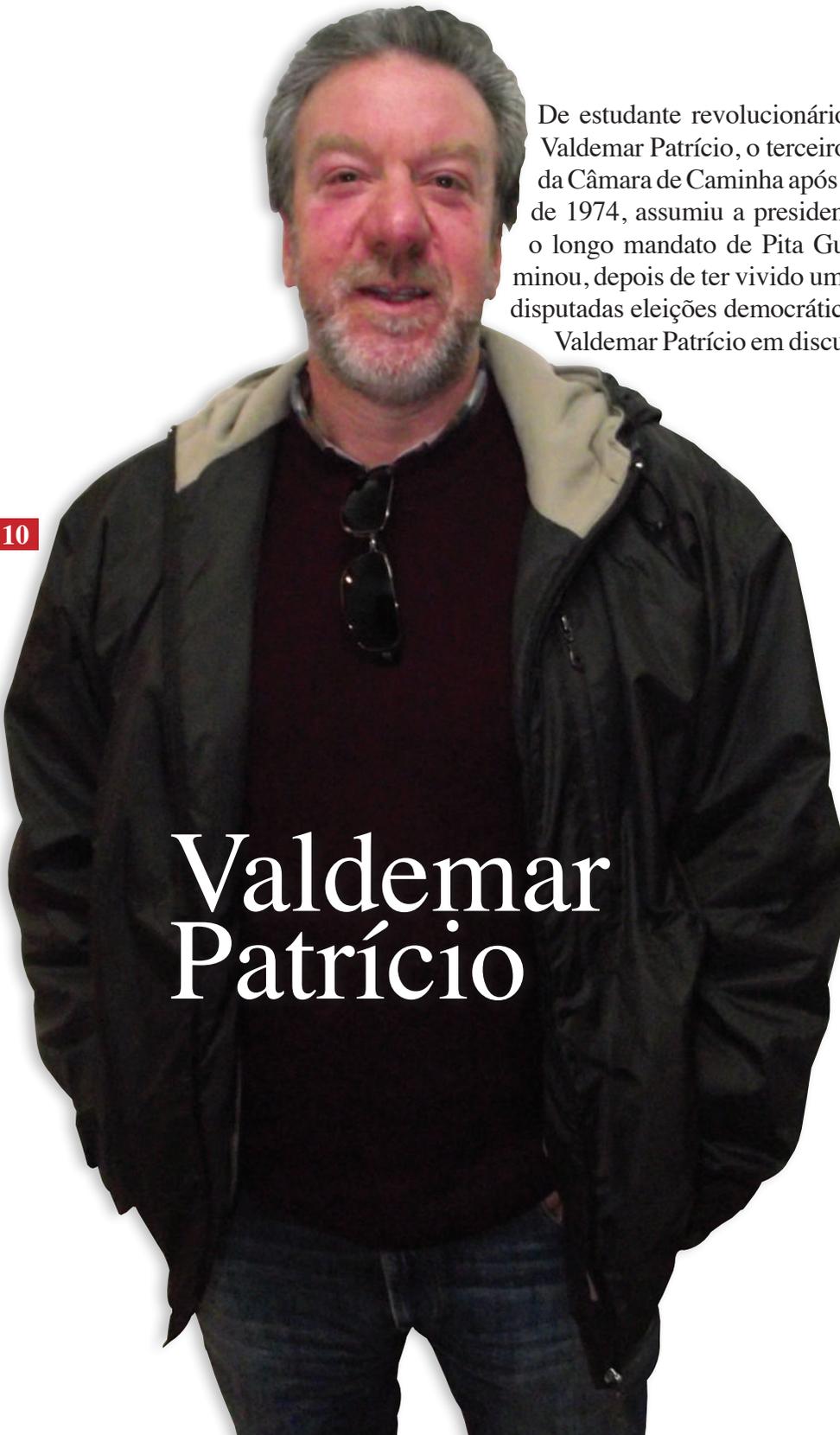
De estudante revolucionário a autarca. Valdemar Patrício, o terceiro presidente da Câmara de Caminha após a revolução de 1974, assumiu a presidência quando o longo mandato de Pita Guerreiro terminou, depois de ter vivido umas das mais disputadas eleições democráticas.

Valdemar Patrício em discurso directo.

O meu maior medo era a reacção dos meus pais, não era a Pide. Aquele tinha sido um dia longo. Organizaram um encontro de coros na minha faculdade (faculdade de ciências da universidade do Porto) e atreveram-se a convidar África do Sul, a vergonha das sociedades decido àquele regime asqueroso do Aparteid. Manifestámo-nos, foi uma manifestação brutal no centro da cidade, e quando demos por ela estávamos encerrados na própria faculdade. A polícia cercou-nos, fechámo-nos na reitoria. Com aquela idade, é fácil de imaginar o que aconteceu: acabámos presos. Fomos transportados numa carrinha celular para os calabouços da polícia política. Aterrorizava-me mais a reacção dos meus pais do que a hipótese de vir a ser torturado. Fui apenas interrogado, dormi na prisão e no dia seguinte libertaram-me. Tive de compôr a história aos meus pais e dizer-lhes que não fui apanhado pela Pide, estava lá por acaso e não tive hipótese de fugir. Consegui disfarçar.

Tinha 19 anos e, não sabia na altura, faltava cerca um ano para a revolução de Abril. No ar já se sentia o cheiro da revolta. Até eu já tinha o bichinho da política. Estava envolvido numa organização clandestina, a Luar. Havia um grupo de malta nova que via uma perspectiva de mudança através daqueles processos. Eu já tinha essa consciência anti-regime, já tinha lido muito, já tinha estado enfarinhado nessas clandestinidades da época. Ainda por cima, todos nós, com aquela idade, tínhamos uma espada de Damócles em cima da cabeça, que era a Guerra do Ultramar. Aquela era uma época em que a revolução já palpitava.

O 25 de Abril de 74 apanhou-me no período em que estava a estudar engenharia civil no Porto. Nunca tive grande atracção pelo curso, fi-lo para agradar ao meu pai. Quando se deu a revolução, interrompi a formação e decidi abraçar o mundo do trabalho.



Valdemar
Patrício

Comecei pela minha paixão: o desporto. Dei aulas de educação física, mas como não tinha formação na área, tive de desistir. Decidi seguir as pegadas do meu pai e tentei a função pública. A primeira oportunidade que me surgiu foi no tribunal de Caminha, mas nessa altura soube da abertura de uma agência bancária em Caminha. Deixei o tribunal, mas não consegui a colocação no banco. Surgiu a última das oportunidades: a publicação em Diário da República de um concurso de admissão para pessoal das Finanças. Já estava casado e tinha uma filha. Agarrei aquela oportunidade com unhas e dentes. Fiquei bem classificado e progredi na carreira.

Estava nas Finanças quando surgiu o convite do então presidente da Câmara de Caminha, Pita Guerreiro, para integrar a sua equipa como vereador a tempo inteiro. Abandonei as Finanças e passei a dedicar-me à vida autárquica. Fiquei com os pelouros do Desporto, Educação e Cultura.

Num dia 24 de Abril à noite, e quando Pita Guerreiro anunciou que não se iria recandidatar, a conselho do PS de Caminha escolheu-me como candidato à presidência da Câmara.

Foram umas eleições duríssimas. O opositor, candidato pelo PSD, era Abílio Silva, um homem preparadíssimo, na altura deputado na Assembleia da República. Ganhámos por 200 votos.

Quando subi à varanda da Câmara de Caminha para agradecer a vitória senti muita alegria, mas também uma enorme responsabilidade: era presidente da Câmara de Caminha.

Durante os dois mandatos em que geri os destinos do concelho, apostei na continuação da construção das redes de água e saneamento básico, uma aposta de grande importância para a qualidade de vida da população.

As grandes obras do meu mandato têm a ver mais com questões de ordem educacional, cultural e desportiva: o pavilhão de Caminha; os colóquios na biblioteca de Caminha; a nova escola de Vila Praia de Âncora; o Centro de Saúde de Caminha.

Sinto que cumpri a minha missão. Mais não fizemos porque os meios de que dispunhamos não eram muitos.

Susana Ramos Martins

“Tinha 19 anos e, não sabia na altura, faltava cerca de um ano para a revolução de Abril. No ar já se sentia o cheiro da revolta. Até eu já tinha o bichinho da política. Estava envolvido numa organização clandestina, a Luar.”

1. Qual foi a importância do poder autárquico na consolidação da democracia em Portugal?

Foi fundamental. Sem um poder local forte, a democracia não tinha vingado. A cultura democrática foi feita pelo poder local junto das populações. Se não houvesse um poder local forte e consolidado, as pessoas não teriam percebido o fenómeno. O poder local é a base da democracia.

2. As autarquias deveriam ter mais poder?

Claramente! Tendo mais meios, nomeadamente financeiros, o poder poderia ser exercido muito mais próximo das populações. Os meios financeiros seriam melhor empregues do que quando são realizados pelos governos centrais ou regionais.

3. 39 anos após o 25 de Abril de 1974, a democracia está em risco?

Não creio. Está suficientemente consolidada. Não estou a ver a democracia a acabar e a ser instaurada uma nova ditadura ou uma junta militar. A democracia está para durar.

4. Dentro de 11 anos, celebram-se os 50 anos da revolução de Abril. Como pensa que estará o país nessa altura?

Estará melhor do que está agora e não será muito difícil. Este período negro que estamos a atravessar há-de ter um fim.

O mundo está em grande transformação. Esta questão da globalização veio trazer grandes problemas às sociedades modernas. Penso que haverá uma ou outra convulsão e haverá até uma mudança de ordem social, que me parece também necessária, mas sempre no respeito pela democracia.

B. I.

Nome: Valdemar Augusto Pais Patrício

Idade: 58 anos

Estado Civil: Casado

Descendência: 2 filhos

Naturalidade: Bragança

Profissão: técnico das Finanças

Presidente da Câmara de Caminha entre 1993 e 2001

“Com o 25 de Abril descobri a democracia e o lado negro da ditadura”

Tinha 13 anos quando a revolução eclodiu em Lisboa. A consciência da liberdade, que lhe proporcionou a democracia, empurrou-a numa actividade cívica que ainda hoje mantém. Foi esse o caminho que a levou à política. Em 2001, Júlia Paula Costa foi eleita como independente, com o apoio do PSD, para a presidência da Câmara de Caminha. Repetiu a vitória mais duas vezes. Sai este ano com a convicção de que “o exercício de um cargo autárquico é a proximidade com as pessoas”. Júlia Paula na primeira pessoa.



Júlia Paula
Costa

12

Estava lá, em Lisboa, quando se deu o 25 de Abril. Vivi-o in loco. Tinha 13 anos. Mas a recordação mais intensa é do primeiro 1º de Maio após a revolução, na Alameda Dom Afonso Henriques. O que se sentia na rua era a consciência de que se podia falar, podíamos dar a nossa opinião.

O antes do 25 de Abril, para mim não existia. Eu não tinha uma verdadeira consciência do estado em que o país vivia e não tinha consciência do fascismo. Tinha noção de que havia algumas coisas com que era preciso ter-se cuidado, como com os comentários que se fazia.

Uma coisa que me confrangia muito era a guerra no Ultramar. Lembro-me de muitas pessoas próximas da minha família partirem para a guerra. Nós vivíamos perto do Tejo, onde eram feitos os embarques, e lembro-me do drama que era. Aquilo atingia profundamente as pessoas. Jamais esquecerei as mensagens que os soldados mandavam no Natal pela televisão: “- Para o meu pai, para a minha mãe, para os meus tios, primos, um feliz Natal”. Alguns, quando as mensagens chegavam, já tinham morrido. Estas imagens eram a única coisa que eu tinha do regime anterior.

Quando se deu o 25 de Abril, descobrimos a democracia e a liberdade, mas descobrimos também tudo aquilo que não se sabia, e que era muito mais grave: os presos políticos, pessoas privadas da liberdade simplesmente por terem emitido uma opinião divergente.

A revolução permitiu que fosse estudar para o liceu nacional Gil Vicente, até então apenas frequentado por rapazes. Lá encontrei muitos colegas de Caminha. Dois deles foram marcantes na minha vida, porque eramos muito amigos e morávamos próximos, em Lisboa. Deles partiu o convite para participar numa festa de angariação de fundos para a Casa Recreativa de Venade. A primeira vez que venho a Caminha é nessa qualidade: como alguém que estava a ajudar. E

fiquei profundamente apaixonada. Por Caminha e pelo meu marido, que conheci precisamente nessa altura. Depois de casarmos, eu com 21 anos, o grande objectivo era virmos viver definitivamente para Caminha. Estávamos em Lisboa.

E conseguimos. Viemos definitivamente em 1995. Com a entrada dos meus filhos para a escola primária, sou convidada a participar nas festas da escola. Sempre fui civicamente muito activa. Rapidamente integrei o grupo de dinamização litúrgica, o grupo de escuteiros. Foi o meu envolvimento da sociedade que me levou à política.

A primeira vez, fui convidada por Abílio Silva para ser cabeça de lista à Assembleia Municipal. Fui eleita em 97 e foi quando percebi os problemas do concelho. E descobri em mim um lado de que gostava muito: o contacto com a população. Para mim, o exercício de um

cargo autárquico é a proximidade com as pessoas.

Mais tarde, é o próprio Durão Barroso, então presidente do PSD, que decide convidar-me para liderar a lista do partido candidata à Câmara de Caminha. Apanhou-me completamente de surpresa, mas aceitei com a garantia de que me apresentaria como independente.

Venci. Voltei a vencer, e mais uma vez. Três mandatos.

Os presidentes de Câmara que se seguiram ao 25 de Abril foram importantíssimos numa série de infra-estruturas que coincidiram com os primeiros fundos comunitários e que foram essenciais para dar um salto qualitativo. Nós estamos agora a pôr em prática uma lógica diferente: estamos a apostar na atracção de pessoas, para o concelho poder traçar um rumo.

Susana Ramos Martins

“A primeira vez que venho a Caminha é nessa qualidade: como alguém que estava a ajudar. E fiquei profundamente apaixonada. Por Caminha e pelo meu marido, que conheci precisamente nessa altura. Depois de casarmos, eu com 21 anos, o grande objectivo era virmos viver definitivamente para Caminha.”

1. Qual foi a importância do poder autárquico na consolidação da democracia portuguesa?

É de tal maneira a minha convicção que o poder autárquico é o rosto mais próximo das pessoas, e portanto o rosto da verdadeira democracia, que neste meu último mandato decidi dedicar uma semana ao poder local, num acto de significativo reconhecimento do papel que o poder local tem na democracia. Guardei para estas comemorações do 25 de Abril, também como uma forma de dizer às pessoas que não deixem morrer o 25 de Abril, não deixem morrer a democracia e não deixem, acima de tudo, morrer o poder local.

Seria a negação do poder autárquico se eu branqueasse ou desvalorizasse o trabalho de quem me antecedeu.

2. As autarquias deveriam ter mais poder?

O país só ganhava se áreas como a educação, a acção social e o ordenamento do território fossem verdadeiramente delegadas nas Câmaras Municipais. As Câmaras Municipais, pela proximidade com as suas gentes, fariam muito melhor e por menos dinheiro. Por um lado, para controlo do défice, querem tudo centralizado em Lisboa, mas, com isso, o país perde muito dinheiro. Nós faríamos aqui muito melhor. E era importantíssimo, porque também daríamos emprego às pessoas

3. 39 anos após o 25 de Abril de 74, a democracia está em risco?

Eu não diria que a democracia está em risco. Eu diria que há uma mudança de mentalidade. Só é possível um poder autárquico forte se as pessoas se envolverem nas listas, se as pessoas forem candidatas a lugares, se as pessoas forem candidatas a cargos, se as pessoas não se voltarem de costas aos seus concelhos. O paradigma da democracia reside na participação cívica da população. Não deixem morrer o 25 de Abril e aquilo que ele representa, porque no dia em que isso acontecer é o país todo quem perde. Quem perde são as pessoas.

4. Dentro de 11 anos celebram-se os 50 anos da revolução de Abril. Como pensa que estará o país nessa altura?

Eu espero que o país nessa altura esteja resgatado definitivamente, que esteja com as suas contas equilibradas e recupere, com isso, a sua soberania, porque não é possível alguém exercer a sua soberania, ser livre para decidir o seu futuro, quando estamos vinculados a um resgate. E é preciso que as pessoas percebam quem é que nos levou a este resgate, quem é que deixou o país neste estado. Há responsabilidades de todas as facções. Era bom para o nosso país que a verdadeira vivência do 25 de Abril fosse a conquista da nossa liberdade financeira e de soberania. É por isso que neste momento não se pode correr riscos nem cometer erros. O caminho que está feito até aqui, mal ou bem, está feito. E agora vamos ter que prosseguir num caminho que definitivamente nos tire deste lamaçal.

Eu tenho de ser optimista e tenho de passar uma mensagem de esperança e acho que não pode acontecer outra coisa que não seja isso.

B. I.

Nome: Júlia Paula Pires Pereira Costa

Idade: 50 anos

Estado Civil: Casada

Descendência: 2 filhos

Profissão: técnica das Finanças

Naturalidade: Lisboa

Presidente da Câmara de Caminha entre 2001 e 2013

O municipalismo e a democracia portuguesa

Existiria democracia sem autarcas e autarquias? O papel dos municípios na consolidação da democracia portuguesa é o tema central da semana do poder local, que vai decorrer em Caminha entre 22 e 27 de Abril no âmbito das comemorações do 39º aniversário do 25 de Abril de 1974.

Um ciclo de conferências vai procurar abordar o tema, começando com uma mesa redonda com a participação de todos os presidentes da Câmara Municipal de Caminha que governaram a autarquia nas últimas quase quatro décadas. Horácio da Silva, em Comissão Administrativa entre 1974 e 1976; Pita Guerreiro, que governou Caminha entre 76 e 93; Valdemar Patrício, presidente entre 93 e 2001 e Júlia Paula, a actual autarca vão

21h30 no auditório do Museu Municipal de Caminha, vai dissertar sobre “elites locais e poder municipal em Caminha. Do liberalismo à República”, não antecipa quaisquer informações sobre a palestra.

O mesmo não faz António Matos Reis. O historiador vai debruçar-se sobre “as origens das autarquias - municípios e freguesias”. Em antecipação da conferência agendada para o dia 24 às 21h30 no auditório do Museu Municipal de Caminha, o historiador explica que “os municípios e freguesias apresentam-se como duas formas diferentes, mas complementares, de organização das

da romanização; após a difusão do cristianismo, verificaremos a fisionomia que essas comunidades adquiriram nos períodos suevo e visigodo, originando as paróquias cristãs; depois, analisaremos o modo como se organizava a população urbana e rural sob o domínio muçulmano”.

Seguidamente, o historiador vai procurar abordar o período da reconquista e da consequente reorganização das dioceses e paróquias: “igrejas”, “vilas”, “freguesias”. Ao mesmo tempo, “interessar-nos-á o caminho da organização autárquica, em que se destaca o papel do “concelho”: o concelho de

de Abril de 1943. Reside em Viana do Castelo, onde trabalhou desde 1975 até se ter reformado.

É mestre em História pela Universidade do Minho, apresentando uma dissertação em História Medieval, posteriormente publicada em 1991 com o título “Origem dos Municípios Portugueses”. Tal obra veio a tornar-se uma referência obrigatória para quantos se debruçam sobre a história do municipalismo em Portugal.

Obteve o doutoramento em 2004 com a defesa de tese sobre “Os Concelhos na primeira dinastia”.

Especializou-se em Museologia, na U.I.A. de Florença, em 1977, e pós-graduou-se em Estudos Especiais de História e Crítica de Arte, na mesma Universidade, em 1984.



14

analisar o poder local no município, o papel e a importância que teve para a estabilidade da democracia. Um debate para assistir no dia 22, às 10h30, no edifício dos Paços do Concelho.

Seguem-se duas palestras orientadas pelos historiadores António Matos Reis e Paulo Torres Bento que vão procurar fazer uma análise crítica sobre o tema.

Paulo Bento, que no dia 23 às

comunidades locais”.

Segundo Matos Reis, para entendermos a sua importância, devemos estudar como se organizavam as populações da nossa área geográfica, desde os tempos mais antigos e especialmente desde que há documentação que nos elucidada sobre esses aspectos. Assim, a palestra que vai realizar vai procurar lançar “um olhar sobre as comunidades locais no período

município e o concelho de aldeia”.

Nos tempos que se seguiram ao século XIV, “convirá ter de baixo dos olhos a dupla face, religiosa e civil, da freguesia ou da paróquia, até que, implementada no século XIX a separação entre a igreja e o estado, se reservaram à “paróquia” as funções religiosas e à freguesia civil, decalcada sobre a paróquia e, em geral, ocupando a mesma área geográfica, se reservaram os aspectos laicos”.

Sublinha Matos Reis que no presente a freguesia continua a ter um papel “fundamental” como espaço de construção, definição e preservação de identidades; como ambiente adequado à sobrevivência e ao desenvolvimento das comunidades locais; como lugar de solidariedade, e, finalmente, como órgão normal de participação na vida pública.

António Matos Reis

António Matos Reis nasceu nos arredores de Ponte de Lima, em 21

Os dias quentes do 25 de Abril na imprensa local

Depois do longo pesadelo, o despertar feliz. É desta forma que o, na altura, quinzenário O Caminhense titula revolução do 25 de Abril de 74. A revolução dos cravos só foi noticiada na imprensa local a 5 de Maio, quando O Caminhense saiu para as bancas. Num artigo assinado por Fernando A. Barros de Sousa escreve-se livremente, sem a interferência do lápis azul da censura, que o golpe militar que restituiu a democracia em Portugal é uma data que “ficará gravada a letras de ouro na História de Portugal Contemporâneo, graças à heróica acção em boa hora levada a cabo pelo Glorioso Movimento das Forças Armadas”.

Na mesma primeira página do jornal local, Roberto das Dores assina outro artigo sobre a revolução dos cravos e é publicado o programa

da Junta de Salvação Nacional.

O jornal seguinte data de 21 de Maio de 1974. Nas páginas, mais artigos a aplaudirem o 25 de Abril. Nenhum deles relata, contudo, o que aconteceu nesses dias quentes em Caminha.

Destaque para a publicitação do cartaz cinematográfico concelhho. Com o fim da ditadura, a população do concelho de Caminha pode finalmente ter acesso a filmes até então censurados. No cine-teatro José António Pires exhibe-se “Profissão bigamo”; “José do Tehlado”; “O regresso da casta Susana”. No cine-teatro dos Bombeiros Voluntários de Vila Praia de Âncora é possível ver por esses dias “Duas vezes traidor”; “Gringo, Não era um santinho” e “Um de nós tem de morrer”.

No jornal seguinte, de 5 de Junho, um assinante escreve um testemunho aplaudindo um artigo publicado uma edição antes com o título “O comunismo não é nenhum papão”. “Francamente extraordinário e digno dos maiores aplausos o facto de podermos ler, sem medo, sem olharmos para os quatro lados, com olhos multifacetados e bem abertos”, escreve o assinante Francisco António Bancelos.

O Verão quente prossegue reflectido nas páginas de O Caminhense que, assim, registou para a história um dos momentos mais marcantes da vida recente dos portugueses.



CAMINHA AGITA

2013



MARÇO É TEATRO
março / Concelho de Caminha

9º FESTIVAL DA PRIMAVERA
16 a 21 de março / Vila Praia de Âncora

**AMFF IN CONCERT
ROCK SINFÓNICO**
20 de março / Caminha

MAIOR MESA DE PÁSCOA DO PAÍS
30 de março / Vila Praia de Âncora

**3º OPEN DE NATAÇÃO (NÍVEL 3)
E 2º OPEN DE NATAÇÃO (NÍVEL 1 E 2)**
13 de abril / Piscinas Municipais

REGATA PRESIDENTE DA REPÚBLICA
13 de abril / Rio Minho

CAMINHA DE PONTA A PONTA EM KAYAK
27 de abril / Rio Minho

CONCERTO "AMIGOS MAIORES QUE O PENSAMENTO"
27 de abril / Caminha

COMEMORAÇÕES DO DIA MUNDIAL DA DANÇA
29 de abril / Vila Praia de Âncora

VILA PRAIA EM FLOR
01 a 12 de maio / Vila Praia de Âncora

**II GRANDE PRÉMIO DE CAMINHA
MOTAS D'ÁGUA E JET SKI**
25 de maio / Rio Minho - Seixas

CONCERTO COM XANA TOC TOC
26 de maio / Caminha

SEMANA DOS DIREITOS DA CRIANÇA
27 de maio a 1 de junho / Caminha

II TORNEIO INTERFREGUESIAS DE FUTEBOL DE 7
junho / Estádio Morber

**CORPO DE DEUS
TAPETES FLORIDOS**
02 de junho / Caminha e Vilarelho

TORNEIO DE NATAÇÃO DE PRIMAVERA DE ABSOLUTOS
08 e 09 de junho / Piscinas Municipais

IV REGATA NOROESTE IBÉRICO
23 de junho / Caminha

XIII FESTIVAL DE FOLCLORE DO ALTO MINHO
10 junho / Vila Praia de Âncora

XV FEIRA DO LIVRO DE VILA PRAIA DE ÂNCORA
junho / Vila Praia de Âncora

CAMPEONATO REGIONAL DE NATAÇÃO DE INFANTIS, JUVENIS É ABSOLUTOS
27 a 30 de junho / Piscinas Municipais

FESTA DO MAR E DA SARDINHA
28 de junho a 7 de julho / Vila Praia de Âncora

TORNEIO DE FUTSAL MOSAICO DE PAISAGENS
julho e agosto / Pavilhões Municipais

DESCIDA INTERNACIONAL DO RIO COURA
06 de julho / Caminha

**ARTBEERFEST
1º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CERVEJEIRAS ARTESANAIS E MESTRES CERVEJEIROS**
11 a 14 de julho / Caminha

I TRIATLO LONGO DE CAMINHA
14 de julho / Caminha

CAMPEONATO NACIONAL DE NATAÇÃO DE INFANTIS
12 a 14 de julho / Piscinas Municipais

FEIRA MEDIEVAL DE CAMINHA
19 a 28 de julho / Caminha

ENCONTRO DE WINDSURF E STAND UP PADDLE
19 a 21 de Julho / Moledo, Seixas e Lanhelas

28º FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE PONTE DE MOURO E ALVARINHO
31 de julho / Caminha

XV ARTE NA LEIRA
20 julho e 18 agosto / Arga de Baixo

ÂUREA AO VIVO
17 de agosto / Vilar de Mouros

OLÁ CAMINHA - BLUESOUL
19 a 22 agosto / Vila Praia de Âncora

SONIC BLAST MOLEDO
24 de agosto / Moledo

X ENCONTRO MOTARD DE VILAR DE MOUROS
23 a 25 de agosto / Vilar de Mouros

PRATA DA CASA
27 agosto / Moledo

FESTIVAL INTERNACIONAL DO ALTO MINHO
28 agosto / Vila Praia de Âncora

III GRANDE TRAIL DA SERRA D'ARGA
28 e 29 de setembro / Serra d'Arga

**MERCADO DA TORRE
FEIRA DE ANTIGUIDADES E VELHARIAS**
3º domingo de cada mês / Caminha

**MOSTRAS DE ARTESANATO LOCAL
1º FIM DE SEMANA DE CADA MÊS**
Caminha / A partir de Maio
3º fim de semana de cada mês
Vila Praia de Âncora

**FEIRÃO DE TRADIÇÕES
OS SABORES DO CAMPO**
quinzenalmente / Caminha e Vila Praia de Âncora